

# DUAS OBSERVAÇÕES SOBRE A ACUMULAÇÃO DE CAPITAL EM MARX

*Raimundo de Souza Leal Filho*<sup>1</sup>

Neste artigo, faremos uma breve exposição de algumas idéias elaboradas por K. Marx a respeito do funcionamento das economias capitalistas, num esforço que consideramos ser de grande relevância para a discussão dos efeitos do desenvolvimento tecnológico e das crises econômicas sobre a classe trabalhadora.

Obviamente, não temos a pretensão de realizar aqui uma análise exaustiva e rigorosa sobre a base teórica marxista que alimenta uma visão dinâmica dos processos de industrialização e de estruturação dos mercados de trabalho, mas tampouco procuraremos simplesmente precisar pontualmente conceitos e definições normalmente utilizados neste tipo de análise.

Pretendemos unicamente ressaltar os principais traços do argumento do próprio Marx sobre este tema, enquanto considerações comumente aceitas sobre o sentido mais geral do movimento de acumulação de capital.

## 1 - AUTONOMIA E PRIMAZIA DA ACUMULAÇÃO NA GRANDE INDÚSTRIA

No sentido indicado acima, podemos apontar, em primeiro lugar, a ênfase conferida por Marx à autodeterminação da dinâmica da acumulação proporcionada pela produção da grande indústria capitalista em relação aos movimentos gerados para o conjunto do sistema econômico.

Se consideramos, como nos parece adequado, o sistema econômico na acepção de um processo evolutivo, ou seja, uma estrutura em transformação, onde, portanto, formas arcaicas de produção herdadas de períodos anteriores convivem com a produção tipicamente capitalista, temos, como implicação desta primeira afirmação, que a dinâmica da acumulação fundada em relações de produção capitalistas independe do que acontece nos espaços econômicos ocupados por outras formas de produção e, mais ainda que se alguma relação houver entre estas distintas esferas, o sentido da determinação seria ditado pela dinâmica do "núcleo capitalista".

Vejamus melhor este ponto: em primeiro lugar, devemos observar que estas considerações estão referidas à análise marxista sobre o estabelecimento da moderna indústria capitalista,

---

1 Professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - FCECA/PUCCAMP. Mestrando em Economia do Instituto de Economia da UNICAMP. O autor agradece os comentários do Prof. Fernando Pompêo de Camargo Neto.

como o resultado lógico e histórico do desenvolvimento da cooperação e da divisão do trabalho associado à implantação prévia do sistema manufatureiro<sup>2</sup>.

Se este, ao expandir e criar mercados, inclusive em escala mundial, permitiu a adequação do nível da demanda ao potencial de oferta da produção mecanizada, esta, por sua vez, passa a exigir, como condição necessária a seu livre desenvolvimento, a generalização da "produção de máquinas por meio de máquinas", momento a partir do qual a valorização do capital deixa de encontrar quaisquer obstáculos externos à sua lógica própria.

Ou seja, uma vez assentada numa base técnica que lhe é adequada, a expansão do capital somente se defronta com os limites que o próprio capital se impõe (os quais tomam a forma de ciclos industriais regulares: "uma sequência de períodos de vitalidade média, prosperidade, superprodução, crise e estagnação"<sup>3</sup>), dado que este se encontra livre de todo constrangimento que pudesse ser causado, por exemplo, pelo baixo grau de qualificação dos trabalhadores (especialmente no que se refere à produção de máquinas- ferramentas), ou mesmo por uma oferta insuficiente de força de trabalho<sup>4</sup>.

Mas, não apenas o movimento da acumulação é autônomo na grande indústria capitalista, quanto se lhe associa um enorme potencial de transformação do meio econômico e social no qual esta se encontra inserida. Assim, a industrialização iniciada com a mecanização da produção têxtil rapidamente se espalha aos ramos industriais conexos, atingindo, por fim, a própria base técnica da indústria moderna, "libertando" o capital ao mesmo tempo em que a forma capitalista de produção - fundada na relação social básica do assalariamento e no ininterrupto aprimoramento tecnológico, se impõe aos demais setores econômicos (agricultura, transportes, comunicações, etc.), impactando sobre toda estrutura social correspondente e compondo, afinal, o famoso painel que já havia sido esboçado no Manifesto de 1848, segundo o qual "tudo que é sólido desmancha no ar"<sup>5</sup>.

Se aceitamos o anterior, podemos então concluir que um determinado espaço econômico será tanto mais moderno quanto maior for a abrangência das formas capitalistas de produção e das relações sociais que lhe são apropriadas.

- 
- 2 Veja-se a respeito, p. ex., LANDES, D.S.: *The Unbound Prometheus*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1969, cap. 2. O próprio título, "Prometeu Libertado", já sugere a fantástica imagem da liberação irrefreada do capital e das forças produtivas que este submete a seu domínio. Veja-se, tb., o cap. 2 da tese de doutoramento do Prof. C. Alonso B. de Oliveira: *O Processo de Industrialização - Do Capitalismo Originário ao Atrasado*, IE/UNICAMP, mimeo.
- 3 MARX, K.: *O Capital*, SP, Nova Cultural, 1985, Vol. II, p. 63.
- 4 O que teria um equivalente numa economia atrasada: a auto-determinação do capital apenas se estabelece com a industrialização pesada, quando a disponibilidade de bens de capital rompe sua dependência com a capacidade do setor externo de gerar divisas para sua importação. Veja-se CARDOSO DE MELLO, J.M.: *O Capitalismo Tardio*, SP, Brasiliense, 1984, especialmente item I do capítulo II - A problemática da industrialização retardatária, p. 96-122.
- 5 No *Manifesto Comunista*, o potencial revolucionário do desenvolvimento burguês associa-se a muito mais que a simples esfera da economia. Ali, as transformações trazidas pela burguesia põem em constante movimento as instituições, os valores e as crenças, produção artística, a população e as forças da natureza. Veja-se a respeito, p. ex., BERMAN, M.: *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*, SP Cia. das Letras, 1986, cap. 2.

## 2 - SUBORDINAÇÃO DINÂMICA DO TRABALHO AO CAPITAL

Uma vez esclarecida a idéia da auto-determinação do capital no que diz respeito à convivência com outras formas de produção em um mesmo espaço econômico, resta-nos ilustrar como Marx afirma sua supremacia com relação ao problema da disponibilidade de força de trabalho.

Este ponto tem por fundamento a crítica marxista à teoria clássica do ajuste populacional no mercado de trabalho, tal como exposta por Malthus e Ricardo, a qual previa que a demanda por trabalho poderia se elevar mais que proporcionalmente em relação ao aumento da população num momento de intensificação da acumulação de capital, tendo como resultado, no curto prazo, a expansão dos salários acima do custo de reprodução dos trabalhadores.

O mecanismo de ajuste deste desequilíbrio somente funcionaria a longo prazo, com a reprodução mais acelerada dos trabalhadores, viabilizada exatamente pelos altos salários, repondo a oferta de trabalho no nível adequado à acumulação de capital. No quadro desenhado pelos economistas clássicos, portanto, esta poderia eventualmente ser inibida por uma variável exógena ao sistema, qual seja, a dinâmica demográfica<sup>6</sup>.

Marx afirma, no entanto, que o elemento fundamental nesta questão é a introdução de progresso técnico pelos capitalistas, dado que seria impensável a auto-determinação do capital sem "a multiplicação dos trabalhadores independente do crescimento absoluto da população", ou seja, sem a existência de um excedente populacional liberado por "métodos que diminuem o número de trabalhadores em relação à produção aumentada".

Mas, se a concorrência inerente à sociedade capitalista impõe como regra geral o constante aperfeiçoamento dos métodos de produção; se a lei de valorização do capital em sua forma especificamente capitalista corresponde ao processo de produção de mais-valia relativa; se, enfim, a própria burguesia "não pode subsistir sem constantemente revolucionar os meios de produção"; o fato é que este processo tem como resultado a conformação de uma tendência estrutural de "transformar parte da população trabalhadora em braços desempregados ou semi-empregados"<sup>7</sup>.

Porém, os efeitos da acumulação sobre a classe trabalhadora são melhor visualizados se os considerarmos, na verdade, como uma sobreposição de determinações, tanto estruturais quanto conjunturais. Assim, por exemplo, a fase de expansão do ciclo econômico, acompanhada pelo desenvolvimento das forças produtivas do trabalho, pode implicar ou não em crescente

6 "Existe apenas um caso, e mesmo assim temporário, no qual a acumulação de capital, acompanhado por baixos preços dos alimentos, pode ser seguida por uma diminuição nos lucros; esse caso se verifica quando o fundo para a manutenção do trabalho aumenta muito mais rapidamente que a população", RICARDO, D.: *Princípios de Economia Política e Tributação*, SP, Nova Cultural, 1985. Este caso "temporário" seria corrigido pelo mecanismo do ajuste populacional, o que não se confunde com a tendência à estagnação causada pela elevação dos preços dos "bens-salário" resultante dos rendimentos decrescentes das terras marginais. Observa-se, ainda, que Ricardo identifica toda acumulação com a expansão do "fundo de manutenção do trabalho".

7 MARX, K.: *op.cit.*, p. 201.

absorção de mão-de-obra no mercado de trabalho, dependendo da intensidade com que se introduz progresso técnico<sup>8</sup>.

A fase de estagnação e de crise econômica, por sua vez, na medida em que seja ou não acompanhada por processos de reorganização industrial<sup>9</sup>, pode inclusive gerar desemprego numa proporção superior à queda do produto; de qualquer forma, sempre cria super-população relativa, "quer esta assuma a forma mais notável de repulsão dos trabalhadores, quer a menos aparente, mas não menos efetiva, de absorção dificultada da população trabalhadora adicional pelos canais costumeiros"<sup>10</sup>.

Além disso, quanto maior for a duração do período de crise econômica, maior será a dificuldade de reabsorção da força de trabalho tornada redundante tanto pela desaceleração da acumulação, quanto pelo aumento da composição orgânica do capital.

Desta forma, podemos concluir, junto com Marx, que o exército industrial de reserva representa "o pano de fundo sobre o qual a lei da oferta e da procura de mão-de-obra se movimenta", pois, na relação entre acumulação de capital e remuneração da força de trabalho, "a grandeza da acumulação é a variável independente (e) a grandeza do salário, a dependente"<sup>11</sup>.

Neste processo, portanto, o capital "age sobre ambos os lados ao mesmo tempo": por um lado, a acumulação pode ampliar a demanda por força de trabalho, mesmo que sempre numa proporção menor em relação ao crescimento do capital; por outro, ao "liberar" trabalhadores via transformações sociais e econômicas associadas ao incessante movimento da modernização capitalista, multiplica sua oferta.

## BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, M.: *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade*, SP, Cia. das Letras, 1986.
- CARDOSODE MELLO, J.M.: *O Capitalismo Tardio*, SP, Brasiliense, 1984.
- COUTINHO, M.: *Marx - Reprodução do Capital*, Texto p/ Discussão nº1, Campinas, IE/UNICAMP, 1991.

8 Embora seja mais comum o aumento do emprego com o crescimento econômico, não devemos descartar a possibilidade (muito concreta) de expansão fundada em transformações tecnológicas que até mesmo gerem desemprego. Veja-se a respeito, p. ex., OFFE, C.: *Capitalismo Desorganizado*, SP, Brasiliense, 1989, cap. 2.

9 Por exemplo, centralização de capitais via anexação dos menores e mais frágeis pelos maiores.

10 MARX, K.: *op. cit.*, p. 199

11 O conceito de exército industrial de reserva encerra um significado teórico muito mais abrangente: "uma decorrência e um fator da acumulação (que) consoma a subordinação (do trabalho ao capital) no que ela tem de dinâmico (...) como processo genérico de contraposição entre trabalho e riqueza objetivada", cf. COUTINHO, M.: *Marx Reprodução do Capital*, Texto p/ Discussão nº 1, Campinas, 1992, IE/UNICAMP, p. 24.

LANDES, D.S.: *The Unbound Prometheus - Technological Change and Industrial Development in Western Europe from 1750 to the Present*, Cambridge, Cambridge University Press, 1969.

OFFE, C.: *Capitalismo Desorganizado*, SP, Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, C.A.B.: *O Processo de Industrialização - Do Capitalismo Originário ao Atrasado*, Campinas, IE/UNICAMP, mimeo.

MARX, K.: *O Capital*, SP, Nova Cultural, 1985.

RICARDO, D.: *Princípios de Economia Política e Tributação*, SP Nova Cultural, 1985.